

## À MESA DE JANTAR...

A casa estava aprazível com seus convivas. Os sons dos talheres tilintavam metalicamente. Todos na mesa comiam silenciosos sem nenhum atrapalho em seus cerimoniais particulares. Maria pensava na solidão de sua alma e de seu íntimo, dos amantes que não tivera por amar apenas a um homem, o único esposo de sua existência. Mesmo assim, as delícias eram muitas: boas e saborosas comidas com a promessa do famoso doce de pêsego, de Tia Jacinta, para o término.

Beatriz não se via naquele ambiente, nada lhe agradava, o sonho de amar alguém rastejava naquela suntuosa mesa de jacarandá. O amor de tempos que há tempos comia naquela mesma mesa todos os dias, ele não mas estava: Luiz era jovem e havia deixado o coração da moça em tristeza e farpas. O tempo não passava. Que coisa triste e sem fim, que mundo aquele da mesa de jantar, que repetição contida e explícita que se misturava ali.

Todos saciados se olharam e tiveram uma triste percepção: eram os mesmos de sempre, sem que nada mudasse, sem olhos diferentes e canções especiais.

Ao final, um até logo à mesa e aos presentes numa litania saudosa à fome já saciada e aos pés por debaixo do móvel cansados de não se mexerem. Ingrata constatação: tudo se repete em dias e dias como um ritual da casa à mesa de jantar. Pura sensação de uma família silenciosa.